

## **O PALHAÇO E A RELAÇÃO BRANCO-AUGUSTO COMO POSSIBILIDADE DE AUTONOMIA AO PACIENTE: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Poliana Fernandes Mesquita Sanches; Yan Domene Bessani; Isabelle Oliveira  
Ribeiro  
[polisanches0704@gmail.com](mailto:polisanches0704@gmail.com)

Eixo 2: A arte como instrumento de humanização no cuidados da saúde

A humanização na saúde busca qualidade tanto nos serviços, como nas relações intersubjetivas, além de relacionar-se com os valores da pessoa humana, que, por estar doente, não perde sua dignidade, liberdade e autonomia. A intervenção de palhaços (do inglês, clown) no hospital, portanto, é vista como mecanismo facilitador e promotor da humanização. Isso ocorre, pois, a relação paciente-palhaço devolve, ao paciente, a possibilidade de escolhas e controle de seu corpo e sua vida — que lhe são retirados quando em situação de hospitalização. Os tipos clássicos de clowns — Branco e Augusto — proporcionam essa autonomia e liberdade ao paciente: o Branco é aquele que manda e o Augusto o que obedece, sendo que, na relação paciente-palhaço, o paciente escolhe se tomará posição de Branco, Augusto ou se, sequer, criará uma relação com o clown. Portanto, com o objetivo de discutir e caracterizar a maneira que se configura a interação clown-paciente, enquanto mecanismo de humanização, o presente trabalho consiste no relato de experiência de palhaços colaboradores do projeto de extensão Sensibilizarte. Constatou-se que pacientes hospitalizados, involuntariamente, são colocados na posição de Augusto, sem voz, opção de escolha e autonomia, como é explicitado no trecho de um dos relatos “(...) no hospital, algumas enfermeiras me disseram que não precisava entrar em determinado quarto, porque o menino era pequeno, indígena e não sabia falar português, ou seja: a equipe estava decidindo por ele”. Além disso, os relatos mostraram que a oportunidade de escolha é, de fato, proporcionada pelos palhaços, como convite ao paciente a reestabelecer domínio sobre suas ações: “(...) a possibilidade de escolha que o Clown oferece ao paciente é onde mora a magia. Ao perguntar 'posso entrar?', damos ao paciente a possibilidade da posição de branco. É o paciente que decide o que quer ser. Augusto ou branco”. Relataram-se, inclusive, situações em que o paciente recusa a interação com o clown, evidenciando o poder de escolha que o palhaço disponibiliza ao paciente. Conclui-se que há no palhaço uma potencialidade e capacidade de humanização nos contextos hospitalares, principalmente no que tange à disponibilidade e restabelecimento da autoridade e poder de escolha do paciente.

**Palavras-chave:** Humanização em Saúde; Palhaço; Clown Branco e Augusto; Autonomia ao paciente.

**Referências:**

WUO, Ana Elvira . O clown visitador no tratamento de crianças hospitalizadas. 1999. Dissertação (Mestrado na Área de Estudos do Lazer) - Universidade Estadual de Campinas, Mestrado na Área de Estudos do Lazer. Campinas, São Paulo.

ESTEVES, Carla Hiolanda; ANTUNES, Conceição; CAIRES, Susana. Humanização em contexto pediátrico: o papel dos palhaços na melhoria do ambiente vivido pela criança hospitalizada. Interface-Comunicação, Saúde, Educação, v. 18, p. 697-708, 2014.

GARCIA DE LIMA, Regina Aparecida et al. A arte do teatro Clown no cuidado às crianças hospitalizadas. Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 43, n. 1, 2009.

BRUM, Daiani Cezimbra Severo Rossini; DE OLIVEIRA PORPINO, Karenine. Figuras palhacescas: um percurso até os palcos hospitalares/Clowns: a route to the hospital stage. Conceição/Conception, v. 6, n. 1, p. 106-123.